

Samba de coco de Arcoverde - mudança na regulação de espaços de homens e mulheres
ou de estrutura simbólica? ¹

Autora: Danielly Amorim de Queiroz Jales

UFPE – PE

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

Resumo

O objetivo deste artigo é demonstrar como os integrantes desta manifestação, alteraram suas funções e papéis como mecanismo de auto preservação e reprodução.

Desde 1930, o samba de coco mantinha sua estrutura baseada na figura masculina do mestre coquista que dirigia, compunha e cantava os cocos. Os participantes dançavam utilizando um tamanco de madeira como uma extensão do próprio corpo, marcando assim, o ritmo e sonoridade do grupo. As mulheres desempenhavam papéis associados aos da dona de casa como confeccionar as roupas, cozinhar e vender comida durante as comemorações. Em se tratando da análise da estrutura simbólica, este trabalho dialogará com M. Sahlins. Autor que discute a noção de estrutura como sendo algo passível de transformação, uma vez que esta se realiza dentro da ordem cultural. Assim, a cultura não estaria exposta e orientada por modelos exteriores, sua transformação sobrevém numa construção em que o indivíduo avalia e reavalia a estrutura pela história. Desse modo, estrutura, história e ação do indivíduo tornam-se interdependentes e complementares. Sahlins parte de uma perspectiva analítica que considera os modelos de estrutura prescritiva e performática para compreensão das modificações de ordem prática e simbólica, ou seja, o reordenamento cultural. Neste sentido, este artigo ajudará a entender a relação entre estrutura, significados e ação dos sujeitos no samba de coco, visto que o atual posicionamento das mulheres pode indicar uma reconfiguração dos significados simbólicos. De maneira que, os significados ganham novos sentidos na prática, contudo, mantém uma correlação com os anteriores. Assim, as alterações de posicionamento dos indivíduos indicam que estes reagem seguindo lógicas particulares e independentes, elaboradas a partir de suas próprias percepções e concepções.

Palavras-chave: Samba de coco, mudança, preservação

O samba de coco é uma manifestação da cultura popular em Arcoverde - PE. A sua organização é pautada na construção de uma identidade que une raça e cultura popular afirmando assim, sua tradição. O objetivo deste artigo² é demonstrar como os integrantes desta manifestação, alteraram suas funções e papéis como mecanismo de auto preservação e reprodução.

A concepção de performance de Diana Taylor, de estrutura e prática de Marshall Sahlins serão relevantes à compreensão do samba de coco. Por isso, selecionamos os principais acontecimentos da história da manifestação considerando como refletiram em sua estrutura e na vida de seus participantes. Uma pequena análise que se inicia nos anos com as salas de coco e termina em 2016 com o São João de Arcoverde que homenageia os 100 de samba de coco.

Segundo Diana Taylor “Performances funcionam como atos de transferências vitais, transmitindo conhecimento social, memória e senso de identidade por meio de comportamentos reiterados ou duplamente comportados.” (Dawsey, 2013. p.9) O termo performance é considerado controverso em diversos sentidos, sobretudo, por estar relacionado a atitudes inventadas, arquitetadas voltadas ao comércio e ao turismo tornando-se distante da manifestação original. Entretanto, para o samba de coco o termo performance representa uma diversidade de ações envolvendo mudança de comportamentos ensaiados ou convencionais que atuaram como mecanismos de salvaguarda de sua própria tradição.

Arcoverde é uma pequena cidade do interior de Pernambuco que, devido à sua posição geográfica de encruzilhada³, concentrou suas atividades no comércio. A estação de trens Great Western mantinha um depósito cargas, a SAMBRA, que necessitava de um grande número de trabalhadores braçais para carga e descarga de mercadorias nos trens. De maneira que muitos moradores da zona rural e municípios vizinhos buscassem empregos na cidade, localizando-se por consequência nas periferias locais. Este é contexto dos primeiros brincantes do samba de coco em Arcoverde.

² Este artigo é parte inicial da proposta de dissertação de mestrado que iniciou em março deste ano.

³ WILSON, 1983. p 45.

Não se pode afirmar com exatidão a origem do samba de coco em Arcoverde, sendo um traço cultural torna-se impreciso saber o ponto exato de sua difusão. Há diversos tipos manifestações populares relacionadas ao coco e ao samba. No samba de coco, do modo que é dançado em Arcoverde, a roda não é constante, sendo feita e desfeita ao longo da execução da música. Os dançarinos espalham-se aleatoriamente, ora realizando a parcela (passo em que o pé esquerdo dá a primeira batida lenta, acompanhada em seguida por duas batidas, também lentas do pé direito), ora realizando o trupé (em que as batidas dos pés se tornam mais rápidas, frenéticas), este muitas vezes apresentado em duas fileiras de dançarinos que se encontram várias vezes. É importante informar que essa lentidão da parcela é sempre em relação ao trupé, durante a realização do mesmo, há uma multiplicação na rapidez da pisada. Outra característica do samba de coco de Arcoverde é o “foguetete de roda”, quando para “descansar” do trupé, em ritmo de quadrilha os dançarinos fazem uma roda, no centro da qual dançam algum casal (ou mais). Depois, um dos dançarinos volta para a roda, cabendo ao que ficou escolher outro companheiro.

Em alguns tipos de coco, os músicos participam da dança, em outras não, podendo utilizar as palmas marcadas como acompanhamento da percussão. As matrizes indígenas das formas de dançar o coco são basicamente a roda e a fileira parecendo ter sido influenciado diretamente pelo Toré e outras danças indígenas. No samba de coco de Arcoverde, a influência do povo Xucuru de Pesqueira –PE é visível, embora mereça maiores aprofundamentos, visando esclarecer como se deu, e ainda se dá, tal intercuro. Como as duas cidades já fizeram parte do mesmo município, não é difícil supor que deva ter havido uma estreita ascendência

Outro aspecto do samba de coco em Arcoverde é que sua realização está vinculada a famílias. Atualmente, três famílias formam os principais grupos de coco: os Lopes e o Samba de Coco das Irmãs Lopes, os Calixto e o Samba de Coco Raízes de Arcoverde e os Gomes com Coco Trupé de Arcoverde.

O samba de coco está presente na periferia da cidade desde os anos 30, durante o mês de maio as principais famílias reuniam-se para rezar as novenas, após as rezas as imagens dos santos eram cobertas e dançava-se o coco. A partir dessas reuniões surgiram as ‘salas de coco’, seus proprietários abriam suas casas para a brincadeira, ou faziam

palhoças com essa finalidade. Nas casas, as salas de coco eram as saletas que, além da formação de novos coquistas, foram firmados também vários casamentos e amizades. As salas mais famosas dessa época foram a de Quinca Galego, Alfredo Sueca e de Das Dores. Essas salas foram de importância vital para a permanência da tradição do samba de coco.

A sala de coco de Quinca Galego teve seu auge nos anos 30, vindo de Buíque, cidade vizinha, trouxe um coco semelhante às toadas de vaqueiro, o coco de embolada ou coco toada. Não seguem o tipo solo-resposta do coro, mais utilizado na cidade, difere também na maneira como é dançado o coco de roda pois não apresenta o samba sapateado. Na década de 40, a sala mais famosa era a de Maria das Dores, natural de Afogados da Ingazeira, foi a única mulher a ter uma sala de coco em Arcoverde, não tirava cocos, mas era exímia dançarina. Nos anos 50, Alfredo Sueca era o grande coquista da época. Nascido em Águas Belas, não tocava qualquer instrumento, mas cantava, dançava e compunha cocos, marchas carnavalescas, canções do reisado. Sua filha, Cícera Araújo foi casada com mestre Lula Calixto, nome fundamental ao samba de coco de Arcoverde será retomado mais adiante.

Em 1960, Ivo Lopes vai dar um sentido performático e definitivo ao samba de coco. Ivo do Coco era natural de Arcoverde e discípulo de Alfredo Sueca. Como este também dançava, compunha e tirava cocos, foi dela a maior sala de coco da cidade, pois reuniu o maior número de pessoas incluindo autoridades locais. Pode-se dizer que Ivo foi o grande articulador do samba do coco, a compreensão que tinha de sua arte⁴ fez com que criasse a Caravana de Coco Ivo Lopes, composta por suas irmãs, por Biu Neguinho e Cícero Gomes, tornando o coco conhecido em toda cidade e região. A Caravana apresentava um aspecto de espetáculo, apresentava-se em cima de caminhões fazendo com que a dança realizada no chão ganhasse um palco e uma estrutura. Os sambadores mais antigos afirmam que tudo era realizado sem o objetivo financeiro, o propósito central era a diversão e a divulgação do samba do coco como uma manifestação familiar e cultural da cidade.

As festas juninas são um momento importante para cidades do interior e a Caravana de Ivo Lopes comandava o São João na praça central da cidade. Havia competições entre o

⁴ Os participantes do samba de coco utilizam o termo arte para falar do samba de coco.

público escolhendo quem dançava melhor o coco, as duplas tentavam o trupé e a multidão escolhia o melhor dançarino. A morte de Ivo Lopes fez com que a Caravana fosse desfeita, os participantes separaram-se e o samba de coco passou quase dez anos em silêncio.

Em Arcoverde o samba de coco é estruturado a partir de famílias, as salas eram utilizadas por familiares que estendiam a brincadeira aos amigos e vizinhos. Os Galegos, Das Dores e Alfredo Sueca tiveram suas salas participantes em comum, entre eles a família Calixto. Os Calixto vieram de Sertânia, cidade vizinha, o casal e seus dezoito filhos conheceram as outras famílias através das novenas, passando em seguida a freqüentar as salas de coco. Luís Montenegro Calixto, Lula Calixto, ganhou credibilidade de modo a substituir o exigente Alfredo Sueca quando este ficava adoentado. Era artesão, compositor, tocador de pífano, tocador de trompa na filarmônica municipal, carnavalesco, artista desempenhando um papel central na história do samba de coco.

Lula, como Ivo Lopes, acreditava que o samba de coco deveria ser conhecido por todos os arcoverdenses, principalmente os mais jovens. Assim, procurou professoras da rede pública e passou a dar oficinas gratuitas nas escolas locais. Na mesma época, a representante da FUNDARPE⁵ em Arcoverde sugeriu que os antigos membros da Caravana Ivo Lopes fizessem o recadastramento para artistas populares, foi o pontapé para que Lula Calixto retomasse definitivamente o samba da coco. Ele e os irmãos procuram os antigos membros da Caravana de Ivo Lopes propondo que voltassem a fazer a brincadeira, assim foi criada a Caravana Raízes do Coco de Arcoverde. O nome indicava um olhar mais alinhado com o passado, isto é, que “raízes”, são todos os que vieram antes, como Ivo, Sueca, Das Dores e Quinca Galego, mas que ao mesmo tempo tentava se afirmar no presente, aqueles que ressuscitavam a antiga tradição.

Raízes do Coco era a junção das três famílias, Cícero Gomes e Biu Neguinho, contava com cerca de quarenta participantes. Passou-se a exigir de seus componentes um compromisso maior que se envolvessem participando das reuniões e ensaios.

⁵ FUNDARPE- Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Instituição que financia grande parte dos projetos artísticos em Pernambuco.

Esse momento coincide também um novo posicionamento da Prefeitura através da Secretária de Cultura. O secretário de cultura, um artista do teatro, entendia os artistas locais deveriam ter uma associação, além de serem capacitados a leituras de editais entre outras atividades. Foram realizados fóruns, debates. O São João de Arcoverde era até então descentralizado, cada rua organizava sua própria palhoça. A proposta da Prefeitura era investir no S. João, torná-lo multicultural considerando a diversidade de seus próprios artistas. Desse modo, sua nova estrutura centralizada fez com que cada manifestação tivesse um pólo, cachê e público específico, como rock ou forró pé-de-serra, a cidade convergiu para os pólos que cercavam a praça principal. Era necessária também uma manifestação que pudesse ser a cara do São João. O samba de coco foi o escolhido, ganhando o palco principal. Se Caruaru era a capital do forró, Arcoverde era a capital do samba de coco.

A Caravana Raízes do Coco transformou-se em espetáculo popular, se externamente significava a retomada do samba de coco, internamente apresentava problemas de ordens diversas que aceleraram seu fim. Porém, o samba de coco apresentava uma base sólida, diferente da Caravana que se desmembrou com a morte de Ivo Lopes, de modo que três novos grupos foram criados: os Lopes com o Samba de Coco das Irmãs Lopes, os Calixto com Coco Raízes de Arcoverde e por último o Coco Trupé comandado por Cícero Gomes. Neste momento, surgem as principais mudanças dentro da estrutura do samba de coco.

Desde 1930, o samba de coco mantinha sua estrutura baseada na figura masculina do mestre coquista que dirigia, compunha e cantava os cocos, cabendo às mulheres papéis associados aos da dona de casa como confeccionar as roupas, cozinhar e vender comida durante as comemorações. É nesse contexto que mudanças mais profundas ocorreram em seu interior. Uma das principais mudanças foram as alterações de posições dentro dos grupos, uma vez que as mulheres passaram a ocupar posições hegemônicas do ponto de vista masculino, tais como: tirar cocos, tocar instrumentos, organizar a agenda e os contratos do grupo. Mudanças estas que culminaram com a nomeação da primeira mestra coquista: Severina Lopes.

Outra mudança que vem sendo realizadas dentro dos grupos é adequação para apresentação em bares ou locais mais fechados. Para isso, o repertório antes composto

apenas por cocos, passou a contar com músicas da MPB. Atualmente, os grupos têm uma agenda dinâmica realizando shows em diversas cidades. O Raízes de Arcoverde gravou dois CDs chegando a fazer uma turnê na Europa. Os demais têm procurando seu próprio caminho, inovando.

Se algumas manifestações têm dificuldades de seguir seu caminho após o contato com agentes externos que sugerem mudanças, isto foi minimizado em Arcoverde. Os grupos conseguiram se apropriar do *modus operandi* do trabalho com a cultura popular conseguindo assim, com mínimas interferências articular seus objetivos e metas. Neste contexto, questiona-se as mudanças no samba de coco. Em que medida uma manifestação que acontecia nos quintais ou salas das casas como uma brincadeira e transforma-se na fonte de renda de seus participantes tem sua estrutura alterada?

Em se tratando da análise da estrutura simbólica M. Sahlins discute a noção de estrutura como sendo algo passível de transformação, uma vez que esta se realiza dentro da ordem cultural. Assim, a cultura não estaria exposta e orientada por modelos exteriores, sua transformação sobrevém numa construção em que o indivíduo avalia e reavalia a estrutura pela história. Desse modo, estrutura, história e ação do indivíduo tornam-se interdependentes e complementares. Sahlins parte de uma perspectiva analítica que considera os modelos de estrutura prescritiva e performática para compreensão das modificações de ordem prática e simbólica, ou seja, o reordenamento cultural.

Neste sentido, seu trabalho nos ajuda a entender a relação entre estrutura, significados e ação dos sujeitos no samba de coco, visto que o atual posicionamento das mulheres pode indicar uma reconfiguração dos significados simbólicos. A história é ordenada culturalmente a partir de esquemas de significação das coisas e os esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. (Sahlins, 1990, p.7). De maneira que, os significados ganham novos sentidos na prática, contudo, mantém uma correlação com os anteriores. Assim, as alterações de posicionamento dos indivíduos indicam que estes reagem seguindo lógicas particulares e independentes, elaboradas a partir de suas próprias percepções e concepções.

O caminho percorrido pelo samba de coco demonstra como seus participantes desenvolveram mecanismos de salvaguarda próprios, o que é fundamental ao patrimônio imaterial. Todas as mudanças e re-começos demonstram que a tentativa de manter sua arte enquanto tradição, parte de uma concepção de tradição que é mutável e não estática. As categorias presentes nesta tradição foram avaliadas na prática de seus participantes. Desse modo, sua escolha está pautada no objetivo maior que é produzir e reproduzir o samba de coco.

Desta maneira “performance traz consigo a possibilidade de desafio, até mesmo de autodesafio. Uma vez que o termo implica simultaneamente em processo, uma práxis, uma episteme, um modo de transmissão, uma realização e um meio de intervir no mundo.”

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (Prólogo, Introdução, Parte I e Capítulo 8)

DAWSEY, John; MOLLER Regina (et. al.). Antropologia e performance: ensaios napedra. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

MACHADO, Micheline Verunsch. A Caravana Não Morreu: Anotações para a História do Samba de Coco de Arcoverde. Universidade de Pernambuco, UPE, Brasil. Especialização em História. 2001.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. 1ª Ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1990. Capítulo 1 e 2.

SCHWARCZ, L. M. Apresentação: Marshall Sahlins ou por uma antropologia estrutural e histórica. Cadernos de Campo, vol. 09, 2000.

WILSON, Luiz. Minha cidade, minha saudade: Arcoverde (Rio Branco), reminiscências e notas para sua história. 2ª ed. Recife. Centro de Estudos de História Municipal/ FIAM, 1983.

_____. Município de Arcoverde (Rio Branco): cronologia e outras notas. Recife. Secretaria de Educação, 1982.